

Biografia

Donna Leon nasceu a 29 de Setembro de 1942 na Nova Jérsia, mas viveu em Veneza durante vinte anos. Exerceu a actividade de Leitora de Literatura Inglesa na Universidade de Maryland. Há alguns anos a autora decidiu deixar o ensino para se dedicar à escrita e à música barroca. Atingiu rapidamente o êxito com a série policial protagonizada pelo Commissario Guido Brunetti, cuja acção decorre sempre em Veneza e com ela a disputar o protagonismo. Encontra-se traduzida em mais de vinte e cinco línguas, tendo-se tornado numa das autoras de culto mais lidas em todo o mundo.

Donna Leon
Morte no Teatro La Fenice

Tradução
Lídia Geer

 Planeta

*Ah, signor, son rea di morte
E la morte io sol vi chiedo;
Il mio fallo tardi vedo;
Con quel ferro un sen ferite
Che no merita pietà.*

*Ah, sir, I'm guilty to death
And all I ask is death;
Too late I see my sin;
With your sword pierce this breast
Which merits no pity.¹*

Così Fan Tutte

¹ Ah, senhor, sou culpada até à morte / E tudo o que peço é a morte; / Vejo o meu pecado tarde de mais; / Com a tua espada fere-me o peito / O qual não merece piedade. (N. da T.)

O terceiro gongo, anunciando que a ópera estava prestes a continuar, soou discretamente através dos vestíbulos e bares do Teatro La Fenice. Em resposta, os espectadores apagaram os cigarros, dando por terminadas as conversas e as bebidas, tendo começado a regressar à sala onde a ópera era representada. Pelos corredores, sempre muito iluminados entre actos, ouvia-se o barulho de fundo provocado pelas conversas travadas entre os que regressavam aos seus lugares. Aqui e ali via-se o cintilar de uma jóia, uma estola de *vison* que era ajeitada em redor de uns ombros nus, ou ainda uma partícula infinitesimal de poeira que era sacudida de uma lapela de cetim. As galerias superiores encheram-se em primeiro lugar, ao que se seguiram as cadeiras junto das filas de orquestra e, finalmente, as três fileiras de camarotes.

A intensidade das luzes foi reduzida, os corredores escureceram e a tensão, criada pelo prosseguimento do espectáculo, aumentou gradualmente enquanto o público aguardava a reaparição do maestro no proscénio. A pouco e pouco, o ruído surdo de vozes ia desaparecendo. Os membros da orquestra pararam de se agitar nos seus assentos e o silêncio absoluto, que reinava na sala, era indicador de que todos os presentes se encontravam prontos para assistir ao terceiro e último acto.

O silêncio prolongou-se, cada vez mais opressivo. Do primeiro balcão ouviu-se um ataque de tosse; houve alguém que inadvertidamente deixou cair um livro ou uma bolsa;

todavia, a porta de acesso ao corredor, por detrás do fosso da orquestra, continuava fechada.

Os primeiros a entabular uma conversa foram os músicos da orquestra. Um dos segundos-violinos inclinou-se para uma mulher sentada junto de si, perguntando-lhe se ela já tinha feito alguns planos para as férias. Na terceira fila, um dos fagotistas comentou com um oboísta que os saldos da *Benetton* começariam no dia seguinte. As pessoas na primeira fileira de camarotes, as que podiam ver melhor os músicos, ao fim de pouco tempo começaram a seguir o exemplo destes, começando a conversar em surdina. O público que enchia as galerias fez a mesma coisa. As pessoas sentadas nas filas junto da orquestra também começaram a conversar, como se os mais abastados fossem os últimos a ceder, perante aquela espécie inaceitável de comportamento.

O barulho das conversas aumentou, transformando-se num murmúrio generalizado. Decorreram alguns minutos. De súbito, o drapejado do espesso pano de boca de veludo verde foi puxado para trás, dando lugar a Amadeo Fasini, o director artístico do teatro, que, numa postura desajeitada, deu alguns passos em frente através daquela abertura estreita. O técnico de serviço ao quadro dos holofotes, situado acima do segundo balcão, sem fazer a mínima ideia daquilo que se estava a passar, decidiu fazer incidir um dos projectores de luz branca e intensa sobre o homem, que se encontrava do lado de fora da cortina. Momentaneamente cego, Fasini levantou os braços de imediato, com o intuito de proteger os olhos. Continuando a manter um braço erguido em frente do rosto, como se estivesse a proteger-se de um ataque, começou a falar.

– Minhas senhoras e meus senhores. – Nessa altura interrompeu-se, gesticulando freneticamente com a mão esquerda na direcção do técnico da iluminação que, ao dar-se conta do erro que cometera, desligou o projector. Tendo-lhe passado aquela cegueira temporária, o homem que se encontrava sobre o palco retomou a palavra. – Minhas senhoras

e meus senhores, lamento muito ter de vos informar que o maestro Wellauer não pode prosseguir com o espectáculo. – De entre a assistência começaram a ouvir-se sussurros e perguntas, as cabeças viraram-se, provocando o ruído dos trajes de seda. Não obstante, ele continuava a falar numa voz que se sobrepunha a todo aquele barulho. – Será o maestro Longhi quem o substituirá. – Antes que o ruído das conversas se elevasse mais, o que não permitiria que ele fosse ouvido, Fasini perguntou numa voz insistentemente imperturbável: – Existe algum médico entre os presentes?

A sua pergunta deu origem a uma longa pausa, após o que as pessoas começaram a olhar em derredor: quem é que seria o primeiro a apresentar-se? Decorreu quase um minuto inteiro. Ao cabo de alguns momentos, viu-se uma mão que se elevava com lentidão no ar, vinda de uma das primeiras filas de orquestra; houve uma mulher que se ergueu do seu assento. Fasini fez um gesto com a mão a um dos arrumadores uniformizados que se encontrava ao fundo da sala. O jovem dirigiu-se apressadamente para a extremidade da fila, onde a mulher naquele momento se mantinha de pé.

– Se quiser fazer o favor, *dottoressa* – disse Fasini, dando a impressão de que estava sob um grande sofrimento, e fosse ele próprio quem necessitasse da assistência da médica. – Por favor, acompanhe o arrumador até aos bastidores.

Olhou de relance para o corredor semicircular que continuava escurecido, tentou esboçar um sorriso, falhou e desistiu daquela tentativa.

– Apresento-vos as minhas desculpas, senhoras e senhores, por causa deste contratempo. Estamos prestes a retomar a apresentação da ópera.

Dando meia volta, o director artístico começou a procurar no pano de boca a abertura por onde tinha saído, tendo-se-lhe deparado alguma dificuldade durante breves instantes. Por detrás da cortina apareceu um par de mãos, cujo corpo não era visível, as quais apartaram o drapejado,

permitindo-lhe passar para entrar logo na mansarda onde Violetta morreria dentro em pouco. Vindos da sala, começaram a ouvir-se uns aplausos pouco convictos, que saudavam a presença do maestro substituto, enquanto este tomava o seu lugar no estrado do regente.

Entretanto, os cantores líricos, os membros do coro e os ajudantes de palco começaram a rodear Fasini, mostrando-se tão curiosos quanto o público se mostrara, embora muito mais audíveis. Apesar do estatuto inerente à sua posição, que habitualmente o protegia dos contactos com os membros da companhia – que ocupavam posições tão inferiores como aqueles –, o director não conseguiu evitá-los, o mesmo se passando em relação às suas perguntas e murmúrios.

– Não se passa nada, absolutamente nada – afirmou Fasini sem se dirigir a ninguém em especial, acenando a todos eles e tentando dispersá-los com esse gesto, numa tentativa para que abandonassem o palco onde se mantinham apinhados. A música do prelúdio estava prestes a terminar; dentro em pouco o pano subiria para dar lugar à Violetta daquela noite, a qual, nessa altura, se mantinha nervosamente sentada à beira da enxerga no centro do proscénio. Entretanto, Fasini redobrou a intensidade dos gestos histriónicos, fazendo com que os cantores e auxiliares de palco comessem a afastar-se para os bastidores, onde continuaram a travar as suas conversas em vozes segredadas. Fasini soltou um *Silenzio* vociferante e esperou que surtisse efeito. Quando viu o pano de boca apartar-se alguns centímetros, revelando o palco, dirigiu-se num passo pressuroso para o encenador, que se mantinha nos bastidores à direita do proscénio, junto da médica. Era uma mulher de estatura baixa e pele trigueira; esta encontrava-se exactamente abaixo de um dístico que dizia «PROIBIDO FUMAR», tendo na mão um cigarro por acender.

– Boa noite, senhora doutora – saudou Fasini, forçando-se a sorrir. Ela meteu o cigarro numa das algibeiras do casaco e apertou-lhe a mão.

– O que se passa? – perguntou ela finalmente, na altura em que Violetta começava a ler a carta escrita por Germont *père*.

Fasini começou a esfregar as mãos com gestos vigorosos, como se aqueles movimentos o pudessem ajudar a decidir o que dizer.

– O maestro Wellauer foi... – começou ele hesitante sem encontrar uma maneira satisfatória, que lhe permitisse concluir a frase.

– Está doente? – perguntou a médica com mostras de alguma impaciência.

– Não, não... ele não está doente – retorquiu Fasini, após o que ficou sem palavras. Recomeçou a esfregar as mãos uma na outra numa atitude de nervosismo.

– Talvez seja preferível que eu o observe, não acha? – redarguiu a médica, transformando a frase numa pergunta.

– Ele encontra-se no interior do teatro?

Ao constatar que Fasini continuava incapaz de se exprimir articuladamente, a médica prosseguiu.

– Levaram-no para outro lugar?

Aquela pergunta deu novo ânimo ao director.

– Não, não... ele está no camarim.

– Nesse caso, não será melhor irmos para lá?!

– Sim, é claro que sim, senhora doutora – aquiesceu ele, mostrando-se satisfeito com aquela sugestão. Indicou-lhe o caminho à direita e ambos passaram por um piano de cauda, junto de uma harpa coberta por uma cobertura verde desbotada, tendo começado a percorrer um corredor bastante confinado. Quando chegaram ao fim, ele deteve-se em frente de uma porta fechada. Do lado de fora havia um homem de estatura elevada.

– Matteo – começou Fasini a dizer, voltando-se para a médica. – Esta é a doutora...

– Zorzi – acrescentou ela sucintamente. Aquela não lhe parecia ser a ocasião apropriada a formalidades de apresentações.

Perante a chegada do seu superior hierárquico, acompanhado de alguém que o tinham informado ser uma médica, Matteo, o assistente de encenação, numa atitude pressurosa, afastou-se da porta. Fasini passou por ele, abriu um pouco a porta, olhou por cima do ombro e em seguida deu passagem à médica, que entrou à sua frente numa sala pequena.

A morte distorcera as feições do homem que se encontrava caído numa postura de abandono, atravessado no sofá no meio da sala. Os seus olhos, mesmerizados, fitavam o vazio com fixidez; os seus lábios mantinham-se repuxados para trás, num trejeito que provocava um esgar enraivecido. O corpo inclinava-se pesadamente para um dos lados, enquanto a cabeça estava encostada contra o encosto do sofá. A parte da frente da camisa, de um tecido lustroso e bem engomada, estava manchada, vendo-se um rasto de um líquido escuro. Por breves instantes, a médica assumiu que se trataria de sangue. Deu um passo em frente, aproximando-se mais, e não foi pela observação, mas sim pelo cheiro, que deduziu ser café. O odor que se misturava com o do café era igualmente distinto, um cheiro amargo a amêndoas que era avassalador, acerca do qual a sua experiência se limitara à leitura.

A médica já tivera ocasião de presenciar tantas mortes, que lhe era desnecessário tentar sentir qualquer pulsação, no entanto, colocou os dedos da mão direita por baixo do queixo soerguido. Não sentiu coisa alguma, mas deu-se conta de que a pele ainda estava morna. Retrocedeu e afastou-se do corpo, começando a olhar à sua volta. No chão, em frente do homem, via-se um pires e uma chávena, a qual contivera o café que havia deixado um rasto sobre a parte da frente da camisa. Ela ajoelhou-se e, com as costas dos dedos, tocou na superfície exterior da chávena, mas sentiu-a fria ao toque.

Erguendo-se, a médica começou a falar com os dois homens que se mantinham próximos da porta, satisfeitos por poderem deixar que ela tratasse daquele assunto de morte.

– Já chamaram a polícia? – perguntou ela.

– Sim, sim – respondeu Fasini entredentes, com uma expressão de quem não ouvira verdadeiramente a pergunta.

– *Signore* – continuou a médica, exprimindo-se com clareza e numa voz elevada, com a finalidade de que não restasse a mínima dúvida de que ele ouvia bem as suas palavras. – Aqui não há nada que eu possa fazer. Este é um assunto para a polícia. Tem a certeza que já chamou as autoridades?

– Sim – repetiu Fasini, embora continuasse sem dar qualquer indicação de que tinha ouvido, ou compreendido, o que ela dissera. Continuava de pé a olhar fixamente para o homem morto, tentando abarcar todo o horror e o escândalo que adviriam da cena que tinha à sua frente.

Abruptamente, a médica passou por ele e saiu para o corredor. O assistente do encenador foi no seu encaixo.

– Telefone já para a polícia! – ordenou-lhe a médica. Quando ele concordou com um gesto da cabeça, afastando-se para fazer o que lhe ordenara, a médica levou a mão à algibeira onde colocara o cigarro e, com os dedos, modelou-o da forma adequada, após o que o acendeu. Inspirou uma tragada de fumo e lançou uma olhadela ao seu relógio de pulso. O ponteiro esquerdo, que era a imagem do rato Mickey, situava-se entre as vinte e duas e as vinte e três horas, enquanto o ponteiro direito se encontrava nas sete. Ela encostou-se para trás contra a parede e aguardou que a polícia chegasse.

Porque a cidade era Veneza, a polícia chegou de barco, com as luzes azuis que se apagavam e acendiam intermitentemente sobre a cabina da proa. A embarcação encostou à margem do estreito canal situado nas traseiras do teatro, permitindo o desembarque de quatro homens; três deles envergavam uniforme, enquanto o quarto se encontrava à paisana. Num passo apressado, começaram a percorrer a *calle*, ou rua estreita, ao longo do teatro, tendo transposto uma porta de acesso aos bastidores onde o *portiere*, que havia sido avisado da chegada das autoridades, carregou no botão que desprendia a lingueta da fechadura, facultando-lhes a entrada na área reservada aos bastidores. O homem apontou em silêncio para umas escadas.

No cimo do primeiro lanço de degraus, foram recebidos pelo director, que continuava a mostrar uma expressão muito desconcertada. Fez menção de estender a mão ao agente à paisana, o qual parecia ser o responsável pelo grupo, todavia, esqueceu-se do gesto e girou sobre os calcanhares, começando a falar por cima do ombro.

– Por aqui. – Começou a percorrer um corredor pouco extenso, parando à porta do camarim do maestro, onde, somente através de gestos, indicou o interior.

Guido Brunetti, o *commissario* da polícia da cidade, foi o primeiro a transpor a porta. Quando avistou o corpo caído sobre o sofá, ergueu a mão num gesto que indicava aos agentes uniformizados que não deveriam avançar nem mais um

passo. Era evidente que o homem estava morto; o seu corpo encontrava-se contorcido para trás, com a expressão do rosto horrivelmente distorcida, pelo que não havia a mínima necessidade em tentar detectar quaisquer vestígios de vida; não se encontraria nenhum.

As feições do homem morto eram familiares a Brunetti, tal como acontecia em relação à maior parte da população do mundo ocidental, se não devido ao facto de o terem visto, em pessoa, sobre um estrado de regente de orquestra, então por causa de terem visto, ao longo de mais de quatro décadas, o seu rosto de onde se destacava aquele queixo bem cinzelado – tão característico dos traços fisionómicos do povo alemão, juntamente com os seus cabelos compridos, que se tinham mantido de um negro asa de corvo, embora ele já fosse bem entrado na casa dos sessenta – nas capas de revistas, assim como nas primeiras páginas de jornais. Brunetti assistira a dois dos seus concertos, o que acontecera havia alguns anos, e durante essas exposições dera consigo concentrado no regente e não na orquestra. Como se houvesse sido irresistivelmente atraído por um demónio ou por uma divindade. O corpo de Wellauer, quando regia, oscilava para a frente e para trás sobre o estrado, a mão esquerda enclavinhada e meio aberta, como se desejasse absorver com avidez o som dos violinos. Na sua mão direita, a batuta transformava-se numa arma que era desferida em movimentos vigorosos, qual relâmpago que reunisse vagas de som. Mas naquele momento, em presença da morte, todo e qualquer indício de divindade havia abandonado aquele corpo inerte, dando lugar apenas à máscara do demónio com um olhar de soslaio.

Brunetti desviou os olhos, começando a examinar o interior do camarim. Avistou a chávena caída no chão e o pires que estava próximo. Aquilo explicava as manchas escurecidas que se viam na camisa e, Brunetti estava certo, as feições horrivelmente distorcidas.

Tendo percorrido apenas parte da superfície do camarim, Brunetti imobilizou-se e deixou os seus olhos percorrerem tudo o que tinha à sua frente, tomando notas mentais de todos os pormenores que a sua vista abarcava, sem ter a certeza relativamente ao que poderia vir a ser importante, de entre tudo o que observava; a sua expressão denotava uma certa curiosidade. Ele era um homem que, de uma forma surpreendente, mantinha sempre uma aparência cuidada: o nó da gravata muito bem dado, tendo um corte de cabelo mais curto do que a moda ditava; até mesmo as suas orelhas estavam bem rentes à cabeça, como se aquelas partes do corpo sentissem relutância em despertar atenções sobre si mesmas. O estilo do seu vestuário deixava transparecer a sua ascendência italiana. A cadência com que se expressava deixava adivinhar que Brunetti era um cidadão de Veneza. Os seus olhos não conseguiam ocultar o polícia que existia no seu interior.

Estendeu a mão e tocou na região superior do pulso do morto, mas o corpo já arrefecera, sentindo a pele seca ao toque. Lançou um último olhar em derredor e voltou-se para um dos homens que se encontravam atrás de si. Deu-lhe instruções para que chamasse o médico-legista e o fotógrafo da polícia. Em seguida, disse ao segundo agente que fosse ao andar de baixo falar com o *portiere*. Naquela noite quem é que teria estado nos bastidores? O homem deveria dizer ao *portiere* que elaborasse uma lista. Brunetti instruiu o terceiro agente, para que este tomasse nota dos nomes de todas as pessoas que haviam falado com o maestro naquela noite, tanto antes do concerto como durante os intervalos.

Em seguida, dirigiu-se para a área à sua esquerda e abriu a porta que dava acesso a uma pequena casa de banho. A única janela encontrava-se fechada, à semelhança do que acontecia com a do camarim. No roupeiro havia um sobretudo de um tom escuro e três camisas brancas engomadas.

Regressou ao camarim, dirigindo-se para o cadáver. Com as costas dos dedos afastou para o lado as lapelas do casaco do

homem morto, abrindo uma algibeira interior. Tendo encontrado um lenço, pegou-lhe por uma ponta e começou a puxá-lo com lentidão. Naquele bolso não havia mais nada. Procedeu da mesma maneira em relação às algibeiras exteriores, tendo encontrado os artigos habituais: uns quantos milhares de liras em notas pequenas; uma chave a que estava presa uma etiqueta de plástico, provavelmente a que pertencia à fechadura daquele camarim; um pente e outro lenço. Não desejava alterar a posição do corpo antes de ter sido fotografado, assim, deixou os bolsos das calças para uma observação posterior.

Os três agentes da polícia, satisfeitos pela existência inquestionável de uma vítima, haviam-se afastado para darem cumprimento às ordens de Brunetti. Entretanto, o director do teatro tinha desaparecido. Brunetti saiu para o corredor, na esperança de o encontrar, a fim de lhe perguntar há quanto tempo é que o corpo fora descoberto. Ao invés, deparou-se-lhe uma mulher de estatura baixa, de tez trigueira, que se mantinha encostada a uma parede, enquanto fumava um cigarro. Vinda por detrás de ambos ouvia-se uma torrente de música.

– Que peça é esta? – perguntou Brunetti.

– *La Traviata* – replicou simplesmente a mulher.

– Eu sei – acrescentou ele. – Isto significa que deram seguimento ao espectáculo?

– «Ainda que o mundo inteiro esteja prestes a desmorrar-se» – continuou ela, dando às suas palavras o peso de uma ênfase acentuada, habitualmente reservada às citações.

– O que acabou de dizer faz parte de *La Traviata*? – perguntou Brunetti.

– Não. *Turandot* – respondeu a médica numa voz calma.

– Pois bem, mas mesmo assim – protestou ele –, quanto mais não seja pelo respeito devido ao homem.

Ela limitou-se a encolher os ombros, arremessando a beata sobre o chão de cimento, onde a extinguiu com o sapato.

– E você é? – perguntou Brunetti finalmente.

– Barbara Zorzi – informou ela, acrescentando, embora ele não houvesse perguntado: – Doutora Barbara Zorzi. Eu encontrava-me entre o público quando pediram a presença de um médico. É por isso que estou aqui, nos bastidores, onde o encontrei já sem vida... precisamente às vinte e duas e trinta e cinco minutos. O corpo ainda estava quente, o que me levou a assumir que ele teria morrido havia menos de meia hora. A chávena de café caída no chão já estava fria.

– Tocou-lhe?

– Apenas com as costas dos dedos. Calculei que poderia vir a ser importante saber-se se ainda estava quente ou não. Mas já tinha esfriado. – A médica tirou outro cigarro da sua mala de mão, tendo-lhe oferecido o maço; não se mostrou surpreendida quando ele declinou a oferta, após o que acendeu o seu.

– Descobriu mais alguma coisa que lhe pareça importante, doutora?

– Apenas um cheiro a cianeto – respondeu Barbara. – Li alguma coisa sobre esse assunto e houve uma ocasião em que tive oportunidade de examinar de perto essa substância, durante as aulas de farmacologia. No entanto, o professor não nos permitiu que o cheirássemos; alegou que até mesmo os vapores são perigosos.

– Possui realmente um grau de toxicidade assim tão elevado? – inquiriu Brunetti.

– Sim. Já me esqueci da quantidade que é necessária para matar uma pessoa, embora seja muito reduzida, bastante menos do que um grama. Além de que a acção desta substância é imediata. Muito simplesmente, toda e qualquer actividade cessa... o coração e os pulmões. Ele deve ter morrido, ou pelo menos perdido a consciência, antes de a chávena ter caído no chão.

– Conhecia-o? – continuou Brunetti.

– Não mais do que qualquer outra pessoa que goste de ópera – respondeu a médica com um abanar de cabeça. – Ou

alguém que tenha por hábito ler a revista *Gente* – acrescentou ela, referindo-se a uma publicação de mexericos que ele achava bastante difícil ela ter o hábito de ler.

Barbara soergueu o olhar, fitando-o.

– Mais alguma coisa? – perguntou a médica.

– Sim, doutora, parece-me que sim. Importa-se de deixar o seu nome a um dos meus homens, de forma a que possamos entrar em contacto consigo se houver necessidade de o fazermos?

– Zorzi, Barbara – acrescentou, sem se mostrar minimamente impressionada com a formalidade da atitude e com o tom de voz de Brunetti. – Sou a única pessoa com este nome que vem na lista telefónica.

Deixou cair no chão a ponta do cigarro, que pisou, e, em seguida, estendeu-lhe a mão.

– Nesse caso, até à vista. Espero que este assunto não venha a tornar-se muito desagradável.

Brunetti não sabia se ela se estava a referir ao maestro, ao teatro, à cidade ou a ele próprio, pelo que se limitou a acenar com a cabeça num gesto de agradecimento e a apertar-lhe a mão. Enquanto ela se afastava, ocorreu-lhe de súbito o quão estranhamente parecido era o seu trabalho com o da médica. Ambos se encontravam aquando da ocorrência de uma morte, altura em que se interrogavam quanto ao «Porquê?». No entanto, depois de tomarem conhecimento da resposta a essa pergunta, os seus caminhos separavam-se. O médico recuava no tempo com a finalidade de descobrir uma causa física, enquanto ele dava continuidade ao assunto a fim de encontrar o responsável pela morte.

Quinze minutos mais tarde, o médico-legista chegou ao local; vinha acompanhado por um fotógrafo e dois auxiliares de bata branca, cuja função seria o transporte do cadáver para a morgue do hospital civil. Brunetti saudou calorosamente o doutor Rizzardi, passando a explicar-lhe tudo o que sabia acerca da provável hora da morte. Pouco depois, os

dois dirigiram-se para o camarim. Rizzardi, um homem que se vestia de uma maneira fastidiosa, agarrou numas luvas de látex e, numa atitude automática, consultou o seu relógio de pulso e ajoelhou-se ao lado do corpo. Brunetti observava-o enquanto ele examinava a vítima, sentindo-se estranhamente tocado ao ver a forma como tratava o cadáver, com o mesmo respeito que dedicaria a um doente ainda com vida, manuseando-o com todos os cuidados e, sempre que necessário, virando-o com uma suavidade cheia de cuidado, para não perturbar os movimentos do corpo tenso devido à pele retesada, servindo-se das suas mãos que tão experientes eram.

– Pode retirar os objectos das algibeiras, doutor? – perguntou Brunetti, dado que ele próprio não tinha luvas e não desejava deixar impressões digitais em qualquer coisa que pudessem vir a descobrir.

O médico anuiu ao pedido, mas tudo o que encontrou foi uma carteira fina, talvez de pele de crocodilo, a qual tirou do bolso por um dos cantos, após o que a colocou sobre a mesa ao seu lado. Pôs-se de pé e começou a descalçar as luvas.

– É óbvio que estamos perante uma morte provocada por envenenamento. Atrevo-me a dizer que a substância utilizada foi cianeto; na realidade, tenho a certeza absoluta de que foi isso mesmo, embora a título oficial não lho possa dizer até depois de efectuada a autópsia. No entanto, a julgar pela forma como o corpo se dobrou para trás, não resta margem para qualquer outra hipótese. – Brunetti reparou que o médico-legista tinha cerrado os olhos do homem morto, tentando suavizar as comissuras aos cantos da boca distorcida. – É o Wellauer, não é verdade? – perguntou Rizzardi, a despeito de a pergunta ser obviamente desnecessária.

Brunetti confirmou com um acenar de cabeça a identidade do falecido.

– *Maria Virgine!* – exclamou o médico. – O presidente da câmara não vai gostar nada desta situação.

– Nesse caso, deixemos que seja o presidente da câmara a descobrir o paradeiro do culpado – ripostou-lhe Brunetti com rispidez.

– Sim, que estupidez a minha. Desculpe, Guido. Os nossos pensamentos deveriam ir para a família.

Como se tivesse agarrado naquela deixa, um dos três polícias uniformizados aproximou-se da porta e fez um gesto na direcção de Brunetti. Quando este saiu do camarim, avistou Fasini ao lado de uma mulher, a qual presumiu ser a filha do maestro. Era de estatura elevada, sendo ainda mais alta do que o director e do que o próprio Brunetti, o que era complementado por uma basta cabeleira loura. À semelhança do maestro, os seus malares exibiam vagos traços fisionómicos de ascendência eslava, enquanto os olhos eram de um azul tão claro que quase pareciam espelhar um glaciar.

Quando ela avistou Brunetti a sair do camarim, deu dois passos rápidos, afastando-se do director.

– O que aconteceu? – perguntou, num italiano com um sotaque acentuadamente carregado. – O que se passa?

– Lamento muito, *signorina* – começou Brunetti a dizer.

Sem dar mostras de o ter ouvido, ela interrompeu-o, exigindo uma resposta imediata.

– O que aconteceu ao meu marido?

Apesar da surpresa, Brunetti teve a presença de espírito necessária para se afastar para o lado direito, de forma a bloquear-lhe eficazmente a entrada no camarim.

– *Signora*, lamento imenso, mas seria preferível que não entrasse ali dentro. – Por que é que seria que eles sabiam sempre aquilo que lhes seria dito naquelas circunstâncias? Seria o tom de voz do interlocutor ou um qualquer instinto animal, que faz com que nos apercebamos da morte na entoação da voz que nos dá as notícias?

A mulher deixou descair o corpo para o lado, dando a impressão de ter sido atacada. A sua anca embateu contra o teclado do piano, enchendo o corredor com sons discordan-

tes. Equilibrou-se com um braço que estendeu para a frente, com a palma da mão a provocar um acréscimo vibrante de sons incoerentes produzidos pelas teclas. Proferiu algumas palavras que Brunetti não compreendeu, após o que levou a mão à boca num gesto tão melodramático, que tinha forçosamente de ser genuíno.

Naquele momento, Brunetti teve a sensação de que passara toda a sua vida a provocar aquele género de reacções nas pessoas, informando-as de que alguém que tinham amado se encontrava morto ou, pior ainda, que fora assassinado. O seu irmão, Sergio, era técnico de raios x, o que o obrigava a usar um pequeno cartão metálico preso à lapela, o qual adquiriria uma estranha tonalidade se estivesse exposto a uma quantidade perigosa de radiações. Caso ele próprio houvesse usado um dispositivo semelhante, o qual fosse sensível ao sofrimento ou à morte, este teria mudado permanentemente de cor havia muito tempo.

A mulher abriu os olhos e fitou-o.

– Eu quero vê-lo – exigiu ela.

– Acho que seria preferível que não o fizesse – respondeu Brunetti, sabendo que o que dizia era a verdade.

– Mas o que é que aconteceu? – Era evidente que ela se esforçava por aparentar uma postura de tranquilidade, o que conseguiu.

– Parece-me que foi envenenamento – retorquiu, embora soubesse antecipadamente que fora isso que tinha acontecido.

– Está a dizer que ele foi morto por alguém? – perguntou ela, com uma expressão de tal perplexidade que só poderia ser verdadeira. Ou então muito bem ensaiada.

– Lamento muito, *signora*. De momento não tenho qualquer explicação que lhe possa dar. Veio acompanhada de alguém que a possa levar a casa? – Atrás de ambos, Brunetti começou a ouvir o barulho repentino de aplausos, que pareciam não querer cessar. Ela não deu qualquer indicação de

ter ouvido as palavras que ele proferira, nem tão-pouco a interrupção, limitando-se a olhá-lo com fixidez, movimentando os lábios em silêncio.

– Veio ao teatro acompanhada de alguém que a possa levar a casa, *signora*?

Ela acenou, compreendendo por fim o que Brunetti dissera.

– Sim, sim – retorquiu, acrescentando num tom de voz mais suave: – Preciso de me sentar. – Ele estava preparado para aquela reacção, o choque repentino da realidade que se instala, depois do primeiro golpe emocional. Era aquele aspecto que fazia com que as pessoas se fossem abaixo.

Brunetti colocou o seu braço debaixo do dela, conduzindo-a para a área dos bastidores. Embora fosse uma mulher alta, era tão magra que se tornava fácil suportá-la. O único espaço vazio que encontrou foi um pequeno cubículo situado à sua esquerda, apinhado com painéis de luzes e demais equipamento que não foi capaz de identificar. Sentou-a numa cadeira em frente de um dos painéis e fez sinal a um dos polícias uniformizados, que surgiu de um dos lados, área que, naquele momento, se encontrava apinhada de gente, envergando os trajes próprios das personagens que desempenhavam na ópera, enquanto outras faziam vénias no palco e se formavam em grupos, assim que a cortina se fechava.

– Vá ao bar e traga um copo com conhaque e outro com água – ordenou Brunetti a um dos seus agentes.

Entretanto, a Signora Wellauer permanecia sentada numa cadeira de madeira de espalda direito, mantendo ambas as mãos crispadas nas extremidades laterais do assento, olhando fixamente para o chão. Abanou a cabeça de um lado para o outro, numa negativa a uma qualquer pergunta feita numa conversação que tinha lugar no seu íntimo.

– *Signora, signora*, os seus amigos encontram-se presentes no teatro?

Ela ignorou a pergunta de Brunetti, dando prosseguimento ao seu diálogo que decorria num silêncio absoluto.

– *Signora* – repetiu ele, mas desta feita colocou uma mão sobre um ombro da mulher. – Os seus amigos vieram consigo?

– Welti – retrucou ela sem erguer o olhar. – Eu disse-lhes para se encontrarem comigo aqui.

Entretanto, o polícia regressou, trazendo dois copos. Brunetti agarrou no mais pequeno, que entregou à mulher.

– Beba isto, *signora* – disse ele. Ela agarrou no copo e bebeu o conteúdo com uma expressão absorta, após o que fez o mesmo com a água quando ele lhe colocou o copo na mão, como se não existisse qualquer diferença no líquido que ambos continham.

Brunetti agarrou nos copos vazios e pô-los de lado.

– Quando é que o viu, *signora*?

– O quê?

– Quando é que o viu?

– Helmut? – redarguiu ela.

– Sim, *signora*. Quando é que o viu?

– Viemos juntos. Esta noite. Depois vim para os bastidores... – A sua voz esmoreceu.

– Depois de quê, *signora*? – inquiriu Brunetti.

Ela examinou a expressão dele por breves instantes, antes de lhe responder.

– Depois do segundo acto. Mas não conversámos. Eu cheguei demasiado atrasada. Ele limitou-se a dizer... Não, ele não disse nada. – Brunetti não conseguia discernir se a confusão que ela mostrava se devia ao choque que sofrera, ou à dificuldade em expressar-se na língua italiana, no entanto, tinha a certeza de que se encontrava num estado em que lhe seria impossível responder, coerentemente, a qualquer pergunta.

Atrás deles, ouviu-se outra explosão de aplausos que reverberava em redor de ambos, subindo e descendo de crescendo

à medida que as personagens continuavam a agradecer as chamadas ao proscénio. Os olhos dela desviaram-se de Brunetti quando baixou a cabeça, embora, aparentemente, houvesse concluído o diálogo que tinha vindo a travar no seu íntimo.

Brunetti disse ao agente que permanecesse junto dela, acrescentando que estariam prestes a chegar alguns amigos da mulher. Assim que isso acontecesse, a viúva de Wellauer poderia sair do teatro com essas pessoas.

Afastando-se, Brunetti regressou ao camarim onde o médico-legista e o fotógrafo, que tinha chegado enquanto Brunetti conversava com a Signora Wellauer, se preparavam para abandonar o local do crime.

– É preciso mais alguma coisa? – perguntou o doutor Rizzardi a Brunetti quando este entrou no camarim.

– Não. E quanto à autópsia?

– Amanhã – respondeu o médico.

– É você que a vai fazer?

Rizzardi pensou durante breves momentos antes de responder.

– Não estou escalonado para a fazer, mas uma vez que fui eu a examinar o corpo, o mais provável é que o *questore* me peça para a fazer.

– A que horas?

– Mais ou menos às onze. Deverei ter terminado por volta do começo da tarde.

– Tenciono ir até à morgue – informou Brunetti.

– Isso não será necessário, Guido. Não é preciso que se desloque até ao San Michele. Poderá telefonar ou eu próprio ligarei para o seu gabinete.

– Obrigado, Ettore, mas gostaria de aparecer por lá. Já passou muito tempo desde a última vez que precisei de ir à morgue. Assim posso aproveitar a oportunidade para visitar a campa do meu pai.

– Como preferir. – Os dois homens deram um aperto de mão e Rizzardi começou a encaminhar-se para a porta.

Deteve-se por breves instantes e acrescentou: – Ele foi um dos últimos gigantes, Guido. Não deveria ter morrido desta maneira. Lamento muito que esta morte tenha acontecido.

– Também eu, Ettore, também eu. – O médico-legista abandonou o camarim. O fotógrafo seguiu-lhe o exemplo logo depois. Assim que os dois homens saíram, um dos dois auxiliares de enfermagem que haviam acompanhado a ambulância, o qual até então tinha permanecido junto da janela, a fumar e a observar as pessoas que passavam pelo pequeno *campo* mais abaixo, deu meia volta e dirigiu-se para o corpo que, naquele momento, se encontrava estendido sobre uma maca colocada no chão.

– Já podemos levá-lo? – perguntou um deles com uma expressão desinteressada.

– Não – respondeu Brunetti. – Esperem até que toda a gente tenha saído do teatro.

O auxiliar, que entretanto permanecera junto da janela, lançou o cigarro para a rua e aproximou-se, colocando-se na outra extremidade da maca.

– Isso ainda vai levar muito tempo, não é verdade? – inquiriu ele sem fazer qualquer tentativa para disfarçar a irritação que sentia. De estatura baixa e atarracado, o homem expressava-se com um acentuado sotaque napolitano.

– Não posso prever o período de tempo que será necessário, mas vocês têm de esperar até que o teatro fique vazio.

O napolitano arregaçou a manga da bata branca e, ostensivamente, consultou o relógio de pulso.

– Pois bem, por pressuposto, deveríamos acabar o nosso turno à meia-noite, o que significa que se formos obrigados a esperar muito mais tempo, só conseguiremos chegar ao hospital depois dessa hora.

O outro começou a fazer coro com os protestos do primeiro.

– As normas estabelecidas pelo nosso sindicato regulamentam que, supostamente, não deveremos continuar a tra-

balhar depois da hora a que o nosso turno termina, a menos que tenhamos sido avisados com, pelo menos, vinte e quatro horas de antecedência. Não sei bem como é que deveremos proceder numa situação destas. – Indicou a maca com a biqueira do sapato, como se estivesse perante algo que houvesse encontrado por acaso no meio da rua.

Durante alguns momentos, Brunetti sentou-se tentado a racionalizar com os dois homens, numa tentativa para levar o assunto a bem. Todavia, decidiu agir com rapidez.

– Vocês os dois vão continuar neste camarim e não abrem aquela porta até que eu vos diga para o fazerem. – Ao constatar que nenhum deles lhe dava réplica, Brunetti acrescentou: – Estão a compreender bem o que vos disse? Tanto um como outro? – continuou sem obter qualquer resposta. – Estão a compreender? – repetiu.

– Mas as regras do sindicato...

– Eu quero que o vosso sindicato se lixe e que todas as suas normas vão para o inferno! – explodiu Brunetti. – Se qualquer de vocês se atrever a levá-lo daqui para fora antes que eu vos diga que o podem fazer, da primeira vez que cuspirem no passeio ou praguejarem em público, irão bater com os costados na prisão. Não quero ver nenhum circo aqui na altura em que removerem o cadáver. Portanto, são obrigados a esperar até que eu vos diga que podem sair. – Sem esperar para perguntar a ambos se haviam compreendido bem as suas palavras, Brunetti virou costas e saiu batendo com a porta do camarim.

Na área aberta que abrangia o extremo do corredor deparou-se-lhe uma situação caótica. As pessoas que trocavam os trajes com que haviam representado pelas suas roupas habituais deambulavam por todo o lado; conseguia detectar, através dos olhares ávidos que lançavam de relance à porta fechada do camarim, que a notícia da morte se havia espalhado entre os presentes nos bastidores. Observou as novidades a disseminarem-se ainda mais, apercebendo-se de duas

cabeças que se reuniam, após o que uma delas se virou acen-tuadamente, percorrendo com o olhar toda a extensão do corredor, concentrando-se na porta cerrada, atrás da qual se ocultava aquilo que poderiam apenas imaginar. Pretenderiam eles lançar um olhar ao cadáver? Ou desejariam somente um assunto acerca do qual conversar nos bares no dia seguinte?

Quando Brunetti regressou para junto da Signora Wellauer, encontrou um homem e uma mulher, ambos consideravel-mente mais velhos do que ela, junto da viúva; a mulher per-manecia de joelhos ao lado dela. Colocara os braços à volta da viúva que, naquele momento, chorava sem qualquer pejo. O polícia em uniforme aproximou-se de Brunetti.

– Eu disse-lhe que se podia ir embora – informou Bru-netti.

– Deseja que eu os acompanhe, senhor Brunetti?

– Sim. Eles disseram-lhe onde é que ela reside?

– Nas proximidades de San Moisè, senhor.

– Ótimo; não fica muito longe – comentou Brunetti, após o que acrescentou: – Não lhes permita que falem com quem quer que seja. – Estava a pensar nos repórteres que com toda a certeza já deveriam ter conhecimento do suce-dido. – Não deixe que ela saia pela porta dos bastidores. Veri-fique se há outra saída por onde possa abandonar o teatro.

– Sim, senhor – aquiesceu o agente, fazendo uma conti-nência tão aprumada que fez com que Brunetti desejasse que os auxiliares da ambulância tivessem tido oportunidade de observar aquela cena.

– Senhor? – ouviu uma voz atrás de si; voltou-se e achou-se diante do cabo Miotti, o mais jovem dos três polícias que o haviam acompanhado.

– O que se passa, Miotti?

– Já fiz uma lista com o nome das pessoas que estiveram presentes no teatro esta noite, o que inclui os membros do coro, da orquestra, os cantores e os ajudantes de palco.

– Quantos são?

– Mais de cem pessoas, senhor – respondeu o agente soltando um suspiro, como se pedisse desculpa pelas centenas de horas de trabalho que aquela lista representaria.

– Bem... – começou Brunetti a dizer, após o que encolheu os ombros, pondo aquele assunto de lado. – Vá falar com o *portiere* e descubra como é que se passa pelo trinco eléctrico no andar de baixo. Que espécie de identificação é que as pessoas têm de ter? – O cabo começou a escrever apressadamente num bloco-notas, enquanto Brunetti continuava a falar. – De que outra forma é que se pode entrar no teatro? É possível entrar-se nos bastidores através da própria sala de espectáculos? Quem é que ele terá visto entrar esta noite? A que horas? Durante a representação da ópera houve alguém que tivesse entrado no camarim do maestro? E o café, veio do bar ou foi trazido da rua? – Fez uma pausa durante breves momentos, enquanto continuava a pensar. – E veja também o que consegue descobrir acerca de eventuais mensagens, cartas ou telefonemas.

– É tudo, senhor? – perguntou Miotti.

– Telefone para a Questura e veja se há alguém que possa entrar em contacto com a polícia alemã. – Antes de Miotti poder apresentar qualquer objecção, Brunetti acrescentou: – Diga-lhes que contactem o tradutor de alemão. Como é que ele se chama?

– Boldacci, senhor.

– Sim, diga-lhes que lhe telefonem para que entre em contacto com a polícia alemã. Não me interessa que já seja muito tarde. Peça-lhes também que obtenham um relatório pormenorizado sobre Wellauer. Se possível, gostaria de o receber amanhã logo pela manhã.

– Sim, senhor.

Brunetti acenou com a cabeça. O cabo retribuiu com uma saudação, mantendo o bloco de apontamentos na mão, após o que regressou ao lanço de escadas que o levaria até à entrada dos bastidores.

– E outra coisa, cabo... – acrescentou Brunetti, dirigindo-se ao homem que já lhe virara as costas, tendo começado a afastar-se.

– Sim, senhor? – perguntou este, detendo-se no cimo dos degraus.

– Seja bem-educado.

Miotti anuiu com um acenar de cabeça, girou sobre os calcanhares e desapareceu do raio de visão de Brunetti. O facto de poder desfrutar da liberdade de dizer aquilo a um agente da polícia, sem que este se sentisse ofendido, fez com que Brunetti se sentisse agradecido por ter sido transferido de regresso a Veneza, depois de ter passado cinco anos em Nápoles.

Apesar de as chamadas ao palco terem terminado havia mais de vinte minutos, as pessoas que se encontravam nos bastidores não mostravam quaisquer indícios de pretendem abandonar o teatro. Alguns, os que aparentavam possuir um maior sentido do que ainda havia a fazer, dirigiam-se aos outros com o objectivo de recolherem os adereços: peças de vestuário, cintos, bengalas e cabeleiras postiças. Houve um homem que se atravessou mesmo em frente de Brunetti, levando consigo o que dava a impressão de ser um animal morto. Ele olhou uma vez mais e verificou que o homem tinha uma mão-cheia de cabeleiras de mulher. Do lado oposto do interior do pano de boca, Brunetti avistou Follin, o agente que tinha incumbido do telefonema para o médico-legista.

Entretanto, o homem aproximou-se de Brunetti.

– Pensei que talvez quisesse falar com os cantores, senhor. Disse-lhes que aguardassem lá em cima. Pedi ao director a mesma coisa. Eles não pareceram ficar muito agradados com a ideia, mas depois de lhes ter explicado o que sucedeu, todos concordaram, embora não se tenham mostrado muito satisfeitos.

Cantores de ópera, deu Brunetti consigo a pensar, após o que repetiu o pensamento: *Cantores de ópera*.

– Bem pensado. Onde é que eles estão?

– Mesmo ao cimo das escadas, senhor – informou o agente, apontando na direcção de um lanço de degraus que permitiam o acesso aos andares superiores do teatro. Entregou a Brunetti uma cópia do programa do espectáculo que fora representado naquela noite.

Brunetti lançou uma breve olhadela à lista dos nomes, tendo reconhecido um ou dois e, em seguida, começou a subir as escadas.

– Qual se mostrou mais impaciente, Follin? – perguntou quando chegou ao cimo das escadas.

– A soprano, a Signora Petrelli – respondeu o polícia, enquanto apontava na direcção da porta situada à direita, ao fundo do corredor.

– Ótimo – retorquiu Brunetti, virando à esquerda.

– Nesse caso, vamos deixar a Signora Petrelli para última.

– O sorriso de Follin fez com que Brunetti perguntasse a si mesmo como é que teria decorrido a troca de palavras entre o polícia diligente e a prima-dona relutante.

«Francesco Dardi – Giorgio Germont» eram os nomes que se podiam ler no cartão, dactilografado e de forma rectangular, que se encontrava preso por uma tacha à porta do primeiro camarim existente à esquerda. Bateu duas vezes, tendo-se ouvido de imediato uma voz elevada que disse: «*Avanti!*»

Sentado em frente de um toucador via-se um barítono, que na altura removia a maquilhagem do rosto, cujo nome Brunetti tinha reconhecido. Francesco Dardi era um homem de estatura baixa, cujo estômago avantajado fazia pressão contra a parte da frente do toucador, enquanto se inclinava a fim de poder ver melhor o que estava a fazer.

– Peço-vos que me desculpem, cavalheiros, se não me levanto para vos saudar – disse ele, enquanto continuava a remover cuidadosamente a maquilhagem negra que aplicara à volta do olho esquerdo.

À guisa de resposta, Brunetti acenou com a cabeça, sem proferir qualquer palavra.

Alguns momentos depois, Dardi afastou o olhar do espelho, erguendo-o na direcção dos dois homens.

– Então? – perguntou, após o que regressou à tarefa da remoção da maquilhagem.

– Ouviu alguma coisa acerca do que aconteceu esta noite? – inquiriu Brunetti.

– Está a referir-se ao que sucedeu a Wellauer?

– Sim.

Ao constatar que a sua pergunta só teria aquela resposta monossilábica, Dardi pousou a toalha e voltou-se de frente para os dois homens.

– Posso ajudá-los em alguma coisa, meus senhores? – perguntou, dirigindo-se a Brunetti.

Uma vez que aquela mudança de atitude lhe agradava muito mais, Brunetti sorriu e começou a responder de uma maneira agradável.

– Sim, talvez possa. – Deu uma olhadela a um pedaço de papel que mantinha na mão, como se necessitasse de se recordar do nome do homem. – Signore Dardi, como com certeza já tem conhecimento, o maestro Wellauer faleceu esta noite.

O cantor de ópera deu a entender, através de uma ligeira inclinação da cabeça para a frente, que aquela notícia já lhe chegara aos ouvidos, apesar de não ter articulado qualquer palavra.

– Gostaria de saber tudo o que me possa dizer sobre o que aconteceu esta noite – continuou Brunetti –, mais concretamente em relação ao que sucedeu durante os dois primeiros actos do espectáculo. – Fez uma breve pausa e Dardi, uma vez mais, acenou com a cabeça sem dizer coisa alguma.

– Falou com o maestro esta noite? – prosseguiu Brunetti.

– Vi-o apenas durante alguns momentos – respondeu Dardi, girando na sua cadeira para dedicar de novo a sua

atenção à tarefa da remoção da maquilhagem. – Quando cheguei ao teatro, ele estava a conversar com um dos técnicos da iluminação, referia-se a algo relativo ao primeiro acto. Eu desejei-lhe «*Buona sera*» e depois vim aqui para cima para começar a aplicar a maquilhagem. Como pode ver – fez um gesto na direcção da sua imagem reflectida no espelho –, é um processo que leva muito tempo.

– Que horas eram quando o viu? – continuou Brunetti.

– Imagino que deveriam ser cerca de dezanove horas. Talvez um pouco mais tarde, é possível que já passassem quinze minutos, mas tenho a certeza de que não era mais tarde do que isso.

– Depois dessa ocasião, viu-o mais alguma vez?

– Está a referir-se aqui ou nos bastidores? – inquiriu Dardi.

– Tanto num sítio como no outro.

– Depois disso, a única vez em que o vi foi quando eu já estava no palco, altura em que ele se encontrava sobre o estrado do regente.

– Quando o viu esta noite, o maestro estava acompanhado por alguém? – acrescentou Brunetti.

– Já lhe disse que falava com um dos membros da equipa de iluminação.

– Sim, eu recordo-me disso. Mas havia mais alguém com ele?

– Sim, Frank Santore. No bar. Trocaram algumas palavras, mas isso aconteceu quando eu já me vinha embora – retorquiu Dardi.

Embora houvesse reconhecido o nome, Brunetti não demonstrou.

– E esse Signore Santore, quem é ele? – inquiriu.

Dardi não se mostrou minimamente surpreendido pela demonstração de ignorância por parte de Brunetti. Ao fim e ao cabo, por que razão é que um simples polícia haveria de reconhecer o nome de um dos mais famosos directores teatrais de Itália?

– Ele é o encenador – explicou Dardi. Pôs a toalha de lado, lançando-a para cima do toucador à sua frente. – Esta ópera é uma das suas produções. – O barítono agarrou numa gravata de seda que se encontrava no extremo direito do toucador, colocou-a sob o colarinho da camisa e, cuidadosamente, deu o nó. – Deseja saber mais alguma coisa? – perguntou ele numa voz desprovida de qualquer emoção.

– Não. Parece-me que por agora é tudo. Estou-lhe muito grato pelo seu contributo. Se tivermos necessidade de falar consigo de novo, Signore Dardi, onde poderemos contactá-lo?

– No Gritti. – O cantor de ópera lançou a Brunetti um rápido olhar de perplexidade, como se desejasse saber se realmente existiriam outros hotéis em Veneza, mas, de certa forma, sentisse receio de formular a pergunta.

Brunetti agradeceu-lhe e saiu para o corredor acompanhado de Follin.

– O próximo será o tenor, certo? – perguntou, lançando uma olhadela ao programa que tinha na mão.

Com um acenar de cabeça, Follin conduziu-o pelo corredor até junto de uma porta no lado oposto.

Brunetti bateu, aguardou uns momentos e não ouviu qualquer som. Bateu uma vez mais e, desta feita, ouviu um barulho vindo do outro lado da porta, o qual decidiu interpretar como sendo um convite para que entrasse. Quando já se encontrava no interior do camarim, deparou-se-lhe um homem magro de estatura baixa que estava sentado, completamente vestido com o sobretudo em cima do braço de um cadeirão, pronto para sair, apresentando uma postura que aprendera na escola de arte dramática, aquela cuja finalidade era denotar «uma impaciência mesclada de irritação».

– Ah, Signore Echeveste! – disse Brunetti de uma assentada, caminhando rapidamente com a mão estendida na direcção do homem, de forma que o outro não fosse obrigado

a levantar-se da cadeira. – É uma grande honra conhecê-lo. – Se Brunetti tivesse frequentado o mesmo curso de arte dramática, naquela altura teria representado o papel de «sinto-me maravilhado na presença de um talento tão extraordinário como o seu».

À semelhança de um riacho de águas congeladas nos princípios de Março, a irritação de Echeveste liquefez-se perante a cordialidade que emanava da atitude de lisonja que Brunetti exibia ostensivamente. Com alguma dificuldade, o jovem tenor ergueu-se da cadeira, tendo executado uma pequena vénia formal, na direcção de Brunetti.

– E com quem é que tenho o prazer de falar? – perguntou num italiano com um ligeiro sotaque.

– Commissario Brunetti, senhor Echeveste. Represento a polícia neste caso tão trágico.

– Ah, sim – replicou o outro como se, em tempos muito remotos, tivesse ouvido falar uma vez da polícia, embora entretanto se houvesse esquecido por completo de quais eram as suas funções. – Nesse caso, a sua presença aqui deve-se a todo este assunto – acrescentou o tenor, fazendo uma pausa acompanhada de um gesto flácido com uma mão, à espera que alguém lhe desse a deixa adequada àquela situação. Como que a pedido, esta surgiu: – ... esta circunstância tão trágica que envolve o maestro.

– Sim, de facto assim é. Foi uma grande tragédia, uma infelicidade enorme – balbuciou Brunetti, sem afastar os olhos do tenor nem um segundo. – Incomodar-se-ia se lhe pedisse que me respondesse a algumas perguntas?

– Não, claro que não – respondeu Echeveste, deixando-se cair graciosamente sobre a cadeira, mas não sem que antes houvesse ajeitado as calças nos joelhos, a fim de preservar o vinco que, de tão acentuado, mais parecia o gume de uma lâmina. – Terei todo o prazer em ajudar no que estiver ao meu alcance. A morte do maestro é uma tremenda perda para o mundo da música.

Vendo-se perante um lugar-comum de tamanha redundância, tudo o que restava a Brunetti era fazer, por breves momentos, uma vénia com a cabeça, numa atitude de reverência, após o que se endireitou.

– A que horas chegou ao teatro? – perguntou.

Echeveste pensou durante alguns instantes antes de responder.

– Diria que cheguei cerca das dezanove e trinta. Não cheguei a horas. Já estava atrasado. Está a compreender? – De uma maneira inexplicável, com aquela pergunta sugestiva, o homem conseguiu dar a entender a imagem de alguém que fora forçado a deixar, com relutância, uns lençóis em desalinho onde se deitara na companhia de uma mulher fascinante.

– E por que motivo chegou atrasado? – inquiriu Brunetti, sabendo antecipadamente que não deveria ter feito aquela pergunta, e aguardando para ver a forma como a questão afectaria a fantasia.

– Fui cortar o cabelo – replicou o tenor.

– E qual é o nome do barbeiro? – perguntou Brunetti no seu tom mais cortês.

O tenor indicou um barbeiro situado apenas a algumas ruas de distância do teatro. Brunetti olhou de relance para Follin, o qual tomou um apontamento. Amanhã verificaria a veracidade daquela informação.

– E quando chegou ao teatro, viu o maestro?

– Não, não. Não vi ninguém – respondeu o tenor.

– E confirma que chegou por volta das dezanove e trinta, certo?

– Sim, tanto quanto me consigo recordar.

– Encontrou ou falou com alguém quando chegou? – continuou Brunetti.

– Não, não vi nem falei com ninguém.

Mesmo antes de Brunetti poder fazer qualquer comentário relativo à estranheza daquela informação, Echeveste passou a explicar.

– Bem vê, eu não entrei pela porta dos bastidores. Entrei pela porta da orquestra.

– Não me tinha apercebido de que isso era possível – retorquiu Brunetti, mostrando-se interessado por ter ficado a saber da existência daquele acesso aos bastidores.

– Bem... – continuou Echeveste, baixando o olhar para as mãos. – Habitualmente ninguém se serve dessa entrada, mas eu tenho um amigo que é arrumador e foi ele quem me deixou entrar, portanto não fui obrigado a usar a porta dos bastidores.

– É capaz de me explicar por que motivo procedeu assim, Signore Echeveste?

O tenor ergueu a mão, num gesto que pretendia dar pouca importância ao assunto, permitindo que por breves instantes os dedos ficassem suspensos com languidez, como se estivesse esperançado de que aquele gesto pudesse eliminar ou responder à pergunta. Não se verificou nenhuma das hipóteses. Acabou por colocar a mão em cima da outra.

– Tive receio – respondeu simplesmente.

– Receio?!

– Do maestro. Já tinha havido dois ensaios em que eu chegara atrasado, e ele tinha-se mostrado deveras irritado com isso, chegando mesmo a gritar. O maestro conseguia ser uma pessoa extremamente desagradável, quando estava encolerizado. Eu não estava com disposição de passar de novo pela mesma situação. – Naquele ponto da conversa, Brunetti tinha fortes suspeitas de que somente o respeito, devido aos mortos, é que impedia a utilização de qualquer palavra mais forte do que «desagradável».

– Portanto devo presumir que entrou por essa entrada a fim de evitar encontrar-se com ele?

– Assim foi – confirmou o tenor.

– Teve oportunidade de o ver ou falar com ele nessa mesma noite? Exceptuando a ocasião em que o avistou quando já estava em cena?